



Sindicalize-se
AdUFRJ lança
campanha de
filiação com
benefícios para
docentes do CAp
e professores
assistentes e
adjuntos

Página 8

CONSELHO DE GRADUAÇÃO APROVA PACOTE DE AJUDA AOS ALUNOS

Página 6

UFRJ:

*Resistência
até o limite!*

> Professores, estudantes, técnicos, terceirizados e integrantes da reitoria se uniram para defender a UFRJ contra os covardes cortes do governo. Mobilização lotou Largo do São Francisco. Na tarde de quinta-feira, MEC começou a recuar e depositou recursos da assistência estudantil
Páginas 2 a 6



**GOVERNO
BOLSONARO:**

*Crueldade
até o final*

EDITORIAL

CAR@ COLEGA

JOÃO TORRES

Estamos no estertores de um governo covarde. No apagar das luzes (retificando, no final das trevas, porque não houve luz nenhuma na gestão Bolsonaro), o Ministério da Economia saqueou os últimos centavos das universidades brasileiras.

Da UFRJ, bloquearam R\$ 15 milhões, no primeiro momento. E ainda não repassaram mais R\$ 19,3 milhões que seriam usados para pagar bolsas estudantis, bandejão, trabalhadores da segurança, da limpeza e todas as despesas de dezembro.

Não sabemos se isso revela a inépcia de um governo que foi eleito assegurando que iria aumentar a eficiência da administração pública ou se faz parte das estratégias que a extrema direita utiliza para semear a confusão no debate público.

Inépcia ou estratégia, o corte se insere muito bem na luta do bolsonarismo contra as instituições públicas, pois quem realmente depende delas são as parcelas mais vulneráveis da sociedade brasileira. No caso específico dos cortes na universidade, os mais afetados são os trabalhadores terceirizados e os estudantes mais vulneráveis socioeconomicamente.

Para completar o quadro de destruição da ciência, a Capes informa que não tem dinheiro para pagar 200 mil bolsistas no país e exterior pois não há dinheiro!!!! Os bolsistas de pós-graduação dependem das bolsas para sobreviver e, em muitos casos, sustentar suas famílias. Deixá-los sem recursos no fim do ano, às vésperas do natal é uma crueldade que nos surpreende

mesmo depois de quatro anos de desgoverno Bolsonaro.

Nos últimos quatro anos, trabalhar na universidade, foi um ato de resistência de estudantes, técnicos, professores, trabalhadores terceirizados e reitores. Como trabalhar numa universidade sem limpeza, sem segurança e sem alimentação para os estudantes? Não escolhemos parar, não estamos em greve, não queremos ir pro remoto, mas estamos numa emergência. E essa mensagem deve ser passada de forma muito clara para a sociedade. Lembramos que muitas das atrocidades do governo que ora se encerra foram normalizadas por grande parte da sociedade e até por alguns colegas professores.

O MEC do último quadriênio reflete a essência do bolsonarismo e sua tentativa de imposição de valores fundamentalistas ao conjunto da sociedade brasileira. A sucessão de chorume que habitou o MEC é um filme de horror.

Ricardo Velez (aquele que dizia que o Brasil não sofreu golpe de estado em 64), Weintraub (aquele que nos chamava de vagabundos), Decotelli (aquele que nem conseguiu tomar posse porque fraudou o Lattes), Milton Ribeiro (aquele com barras de ouro, bíblia e pistola na pasta) e finalmente o atual, Victor Godoy (que executa sem questionamento o apagão no MEC). Cinco criaturas que se dividem entre bandidos ou pusilânimes.

A universidade pública foi escolhida o inimigo número um do governo Bolsonaro com toda a razão. Todo governo com tendências fascistas teme o livre pensar. Ostentamos esta escolha como uma medalha que muito nos honra. Vamos à luta para reverter esses cortes. E extrema direita nunca mais!

Presidente da AdUFRJ

ANDES DISCUTE CRISE DAS UNIVERSIDADES EM FOZ DO IGUAÇU

PRISCILA DUQUE/ADUFPA

A crise financeira das universidades brasileiras dominou os primeiros dias dos seminários organizados pelo Andes para discutir a educação superior na América Latina, em Foz do Iguaçu (PR). A falta de recursos amplia problemas acadêmicos e administrativos na região da tríplice fronteira.

“Os alunos da Universidade Federal de Integração Latino Americana (UNILA) vêm da América Latina, Caribe e Haiti. Os cortes significam que nenhum aluno vai receber bolsa. Se os alunos da UFRJ já necessitam, aqui é essencial. Eles não podem ir na casa do pai comer, por exemplo”, diz o professor Ricardo Medronho, diretor da AdUFRJ.

“Para ir para o outro lado da ponte (da Amizade, que liga o Brasil ao Paraguai), o professor tem que pedir afastamento da universidade, seja para levar equipamentos para trabalhos ou para visitas de campo, pois é outro país”, explica Medronho.

“Em cada mesa-redonda, foram apontados problemas que desconhecemos. O professor vem trabalhar aqui, mas tem família em outro



lugar. Se fizer pesquisa com pesquisadores de outras universidades, as passagens são caras, e não há apoio”, reforçou a professora Nedir do Espírito Santo, outra diretora da AdUFRJ presente ao evento.

Em protesto contra os cortes e em defesa da integração latino-americana, os docen-

tes reunidos no evento fizeram um ato na Ponte da Amizade, na quarta-feira (dia 7). “O ato foi na entrada da Ponte por ser um local de tráfego, com grande visibilidade, para chamar atenção da população que os professores, junto dos alunos e funcionários, estão atentos

à situação da educação, com os mais recentes cortes nas bolsas”, disse Nedir.

A programação segue até amanhã (9), com debates e atividades culturais. Há representantes do México, Haiti, Paraguai, Argentina e Cuba, além do Brasil. (Igor Vieira)

CONVÊNIOS

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). A proposta é oferecer descontos em estabelecimentos como escolas, cursos, academias, clínicas estéticas e de saúde, entre outros. Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufjr.org.br.

RIO DE JANEIRO



IBEU



CLUB PET



MAPLE BEAR TIJUCA



MIT CUIDADORES



ACADEMIA TIJUCA FIT



MADONA CLINIC

Psicare PSICARE



FISIOTERAPIA RJ LTDA



CRECHE AMANHECENDO



CRECHE ESCOLA RECRIAR



CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS



ROÇA URBANA ORGÂNICOS



JC LUZ CORRETORA



FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL



BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS



ESCOLA ALFA



CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL



HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR



MAIS FITNESS ACADEMIA



CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA

RIO DE JANEIRO E MACAÉ



INSPIRE ENERGIA SOLAR



KALUNGA PAPELARIA



DROGARIA RAI

Universidade promete resistir até o último minuto

> No limite do colapso financeiro, comunidade acadêmica se une para enfrentar os últimos dias do desgoverno Bolsonaro. Cortes atingem bolsas, hospitais e contratos em geral

KELVIN MELO
kelvin@adufjr.org.br

Estudantes sem bolsa, funcionários extraquadros dos hospitais sem salários e terceirizados sem pagamento. Licitações paradas, redução da frota de transporte interno na Cidade Universitária e limitação do funcionamento dos bandejões. Os mais novos cortes do governo Bolsonaro lançaram a UFRJ em um princípio de colapso administrativo, a pouco menos de um mês do fim do ano. Mas, com todas as dificuldades, a maior federal do país promete resistir.

E vai resistir unida. Professores, estudantes, técnicos e trabalhadores terceirizados deram uma amostra desta unidade na quarta-feira (7), em uma plenária realizada no IFCS. No tradicional ponto de encontro da comunidade da UFRJ para as manifestações que agitam o centro do Rio, todos compartilharam a indignação com o governo e a vontade de lutar por dias melhores. “A universidade pública foi escolhida o inimigo número um do governo Bolsonaro com toda a razão. Todo governo com tendências fascistas teme o livre pensar. Ostentamos esta escolha como uma medalha que muito nos honra. Vamos à luta para reverter esses cortes. E extrema direita nunca mais”, afirmou o presidente da AdUFRJ, professor João Torres.

A crise não atingiu apenas a UFRJ. O conjunto das federais perdeu R\$ 431,8 milhões. Em todo o país, houve protestos contra os cortes. “A máquina pública precisa continuar girando, e as universidades precisam manter seus compromissos. Estamos na esperança e no diálogo para que esta situação seja revertida, por sua imensa gravidade, o mais breve possível”, ressaltou o presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), professor Ricardo Marcelo Fonseca, em vídeo divulgado esta semana pela entidade.

Os cortes também repercutiram no Congresso Nacional, que recebeu uma audiência pública para discutir o tema. “Os bolsistas não recebem uma bolsa apenas para custear seus próprios estudos, mas, muitas vezes, para sustentar suas famílias”, observou a professora Mayra Goulart, vice-presidente da AdUFRJ e coordenadora do



PREOCUPAÇÃO. Contrato do bandejão da universidade está em situação crítica. Reitoria tenta manter funcionamento até o recesso

Observatório do Conhecimento.

A pressão nacional começou a surtir efeito nesta quinta-feira (8). No dia do fechamento desta edição, o governo anunciou a liberação de R\$ 160 milhões para o pagamento de bolsas Capes, nos próximos dias.

Também foi confirmada a liberação de recursos do Plano Nacional de Assistência Estudantil. Na UFRJ, são necessários R\$ 3,3 milhões para cobrir os gastos de novembro. As bolsas estarão nas contas dos estudantes beneficiados amanhã, dia 9.

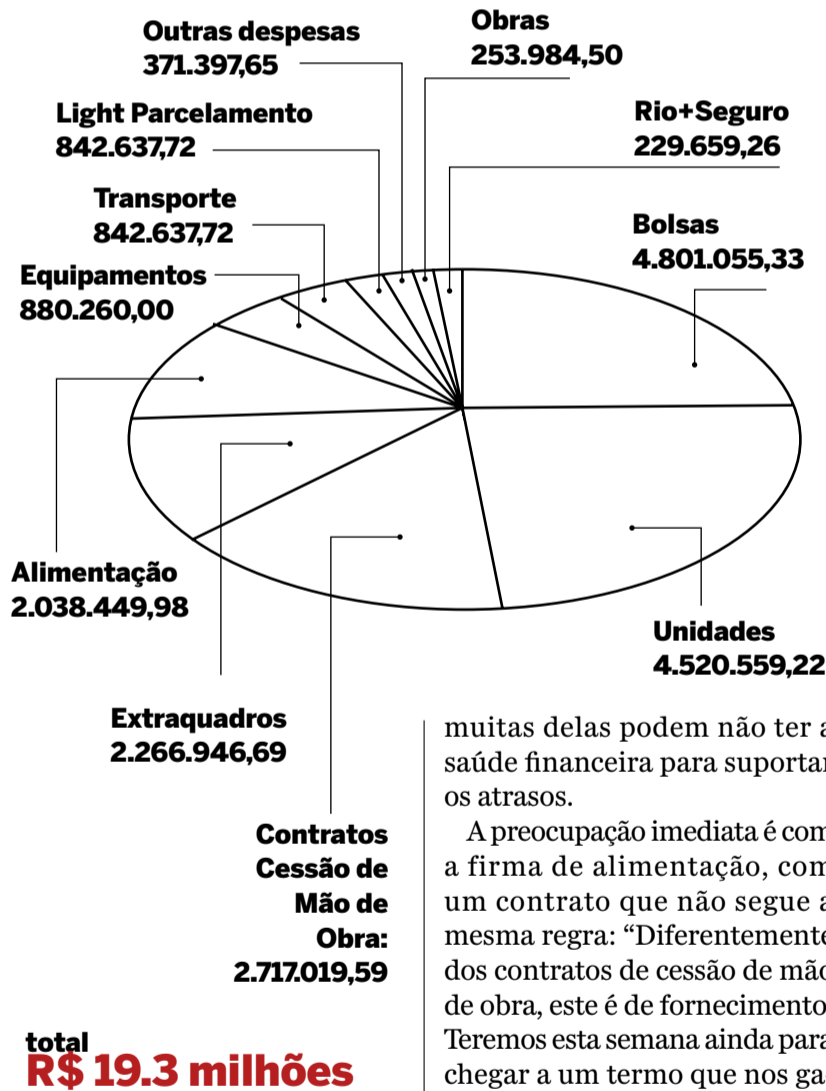
ESFORÇO

Internamente, a UFRJ faz todos os esforços administrativos para completar o período letivo. O pró-reitor de Finanças, professor Eduardo Raupp, destacou a gravidade da situação para uma plenária de decanos e diretores de unidades, na terça-feira (6). A reunião foi convocada de forma extraordinária. “Durante estes quatro anos, nós tivemos momentos de contingenciamento e isso limitava o que a gente poderia gastar. Agora é diferente”, afirmou.

No último dia útil de cada mês, o governo faz o levantamento de tudo que está “liquidado”. “Na nossa linguagem técnica, é aquilo que já está atestado como serviço realizado. E, no primeiro dia útil do mês seguinte, o governo libera o financeiro. Agora, além do problema orçamentário, tivemos a inédita interrupção do repasse financeiro”, informou o dirigente.

O Ministério da Economia bloqueou R\$ 15,1 milhões e, além disso, jogou no colo da instituição uma conta de R\$ 19,2 milhões — agora minimizada pelo pagamento dos auxílios estudantis. Entre outras despesas, o “calote” governamental atingiu bolsas (R\$ 4,8 milhões) e o salário de extraquadros (R\$

RECURSOS QUE O MEC NÃO REPASSOU



2,2 milhões), profissionais que complementam a mão de obra das unidades de saúde da UFRJ.

A administração central não pode ajudar nem mesmo em uma situação emergencial como a enchente que atingiu o Centro Multidisciplinar de Macaé, na semana passada. “Estamos de mãos amarradas”, afirmou Raupp.

Pela legislação federal, mesmo sem receber por até três meses, as empresas devem honrar os compromissos com os órgãos públicos. O problema é que

muitas delas podem não ter a saúde financeira para suportar os atrasos.

A preocupação imediata é com a firma de alimentação, com um contrato que não segue a mesma regra: “Diferentemente dos contratos de cessão de mão de obra, este é de fornecimento. Teremos esta semana ainda para chegar a um termo que nos garanta alimentação normal até o dia 20 de dezembro”, informou o pró-reitor de Governança, André Esteves. Uma possibilidade em estudo é o fechamento dos restaurantes satélites. As refeições ficariam concentradas no bandejão central.

A pró-reitoria faz, ainda, o mapeamento dos serviços de limpeza e vigilância. Algumas firmas já sinalizaram que podem continuar com os serviços.

O transporte interno está garantido até o fim do ano, mas será reduzido também. Para compensar, a UFRJ vai colocar três ônibus e três vans da frota própria nos horários de almoço e jantar. “Vamos continuar também com os intercâmpis. Macaé não sofre nada, porque é um

contrato novo. Caxias funciona normalmente até o fim do mês”, afirmou o prefeito universitário, Marcos Maldonado.

SOLIDARIEDADE

Os decanos e diretores demonstraram solidariedade com a reitoria. “Há 47 anos nesta universidade, nunca presenciei o que estamos vivendo hoje”, disse o decano do Centro de Ciências da Saúde, professor Luiz Eurico Nasciutti. “Neste momento, é fundamental que a gente possa organizar uma atividade nas ruas com todas as instituições de ensino e pesquisa no Rio. Para que nossa sociedade ter a clareza do que está acontecendo hoje com o ensino público e gratuito deste país. Temos que nos unir”.

Decana do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, a professora Cássia Turci avaliou como um “retrocesso” muito grande a possibilidade de voltar ao ensino remoto. “Isso não é solução. Temos muitos estudantes trabalhando em pesquisa e extensão que são presenciais”. Mas também ponderou as dificuldades de manter as atividades nos campi, se a crise se agravar. “Se a gente ficar um dia sem limpeza vira o caos”.

Reitor em exercício, o professor Carlos Frederico Leão Rocha expressou a importância de conclusão do ano letivo. “O semestre tem que acabar. Nós já temos 75% das atividades acadêmicas de graduação de todos os cursos. Falta pouco”, disse. “Mas também há uma grande heterogeneidade entre as unidades. Então não há uma solução única. Vamos estabelecer regras gerais, que serão delineadas amanhã no CEG (leia sobre o colegiado na página 6)”, acrescentou. “A conclusão deste semestre é algo que devemos não ao governo, mas aos nossos alunos e nossos docentes”, disse.

FOTOS: ADUFRJ

Universidades se unem para reverter bloqueio

> Andifes busca saída para que as instituições federais recebam de volta o orçamento retirado no dia 1º de dezembro. Rede federal perdeu R\$ 618,5 milhões. Instituições do Rio têm menos R\$ 65,2 mi

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

A articulação nacional que tenta reverter os cortes já deu algum fruto. O governo federal voltou atrás e liberou uma parte do orçamento do Ministério da Educação. O ministro Victor Godoy informou em suas redes sociais, durante o fechamento desta edição, um valor total de R\$ 460 milhões destinado a assistência estudantil, pagamentos de bolsas da Capes e alguma despesa discricionária.

Coordenador do fórum que reúne pró-reitores de planejamento e finanças das universidades federais, o Forplad, o professor Franklin Matos Silva Júnior esclarece que o valor liberado não corresponde à recomposição orçamentária. “O que chegou foi um ‘financeiro’ para pagamento de assistência estudantil que estava atrasada”, afirmou.

No caso da Capes, foram liberados, num primeiro momento, R\$ 50 milhões. O anúncio foi feito pela presidente da instituição, Claudia Toledo, durante reunião do Conselho Técnico Científico. A prioridade seria para pagamentos de programas ligados à formação de professores da educação básica. Depois, outros R\$ 160 milhões foram informados pelo MEC. Os valores devem ser pagos até 13 de dezembro e devem quitar a dívida com os cerca de 200 mil



A Andifes vai se manter em permanente articulação com o governo e parlamentares com o objetivo de reverter os bloqueios de recursos

RICARDO MARCELO FONSECA
Presidente da Andifes

INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO (RJ)

UNIDADE ORÇAMENTÁRIA	BLOQUEIO TOTAL 05/12
UFRJ	15.108.047,00
UFRRJ	10.183.202,00
UFF	4.587.275,00
UniRio	8.128.128,00
Instituto Federal do Rio de Janeiro	6.901.266,88
CEFET-RJ	8.405.225,14
Colégio Pedro II	11.946.986,00
TOTAL	65.260.130,02

bolsistas de mestrado, doutorado e pós-doutorado.

Um grupo que ainda não tem previsão de receber pagamentos é o de residentes. São cerca de 14 mil distribuídos pelos mais de 50 hospitais universitários espalhados por todas as regiões brasileiras. Só no Clementino Fraga Filho, maior hospital da UFRJ, existem 370 residentes.

Para tentar buscar soluções, os reitores das universidades e institutos federais realizaram uma série de reuniões e encontros. A reitora da UFRJ, professora Denise Pires de Carvalho, participou dos encontros da Andifes — a associação de reitores das universidades federais. A rede federal de ensino perdeu, ao todo, R\$ 618,5 milhões. Desses, R\$ 65,2 milhões são de instituições do Rio de Janeiro.

Na quarta-feira, dia 7, o presidente da Andifes, Ricardo Marcelo Fonseca, e o vice-presidente, Evandro Soares, se reuniram

com o ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira (PP-PI). Os dirigentes explicaram a gravidade da crise enfrentada pelas universidades desde junho deste ano, agravada pelos cortes de 1º de dezembro.

Ciro Nogueira apontou a possibilidade de obtenção de recursos extras após decisão do Tribunal de Contas da União que autorizou abertura de crédito extraordinário ao governo. O recurso deverá cobrir o pagamento do Benefício de Prestação Continuada e do seguro-desemprego, entre outros gastos não determinados.

O presidente da Andifes saiu otimista da reunião. “Foi mencionada pelo ministro a possibilidade de recursos para as universidades, ainda este ano, dentro do orçamento da chamada PEC da Transição”, afirmou o professor Ricardo Marcelo Fonseca, que é reitor da Universidade Federal do Paraná.

“A Andifes vai se manter em permanente articulação com o governo e parlamentares com o objetivo de reverter os bloqueios de recursos”, declarou.

Parlamentares da Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público da Câmara também buscam caminhos para solucionar a crise das instituições de ensino. Em audiência pública realizada nesta quinta-feira, 8, eles debateram os cortes mais recentes do governo Bolsonaro. A iniciativa foi do deputado Rogério Correia (PT-MG). Para ele, “o governo federal promove o confisco de recursos das Universidades Federais, Institutos Federais e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)”. O Observatório do Conhecimento participou da reunião (leia mais abaixo).

MINISTRO VAI TER QUE SE EXPLICAR

A Comissão de Fiscalização Financeira e Controle da Câmara dos Deputados convocou o ministro Victor Godoy para explicar sobre os cortes que deixaram as universidades à beira do colapso. A audiência acontecerá no dia 14 em conjunto com a Comissão de Educação.

“A situação é muito preocupante nas instituições de todo o país. Universidades informaram que não têm recursos sequer para pagar contas básicas, como água e energia”, disse o deputado Elias Vaz (PSB-GO), na justificativa do requerimento ao ministro.

EM AUDIÊNCIA NA CÂMARA, OBSERVATÓRIO DENUNCIA EFEITO DOS CORTES

CLEA VIANA/CÂMARA DOS DEPUTADOS

Na última quinta-feira, 8, a professora Mayra Goulart, vice-presidente da AdUFRJ, participou de uma audiência pública na Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público da Câmara dos Deputados. O encontro debateu o corte dos recursos das Capes e das instituições federais de ensino superior. Além de Mayra, participaram representantes da Andifes, da ANPG, do Conif, da Fasubra e do Sinasefe.

Mayra apresentou o Balanço da PLOA, estudo do Observatório que monitora o orçamento das universidades e institutos federais e de pesquisa no Brasil. “As universidades públicas produzem 95% das pesquisas no Brasil, e esse conhecimento não é produzido só por nós professores, mas por estudantes

pesquisadores, e nós somos suportados nesse esforço por técnicos e terceirizados. É essa comunidade científica que está em ameaça, que está sendo desmoralizada pelo governo”, explicou Mayra. Ela alertou ainda para a gravidade do corte próximo ao Natal. “Mas eu acredito que nós, a sociedade civil organizada, vamos conseguir reverter esses cortes e garantir um Natal digno para as suas famílias”, exaltou.

A deputada federal Rosa Neide (PT-MT) lembrou que a negociação feita para a recomposição mínima do orçamento do MEC na PEC da transição não cobre o rombo deixado este ano. “Eles querem que haja dois orçamentos para cobrir o desmonte deixado pelo governo Bolsonaro. Não podemos

admitir isso. O governo tem que reverter os cortes imediatamente”, disse a parlamentar.

Representando a Andifes, a professora Sandra Regina Goulart de Almeida, reitora da UFMG, apresentou o cenário grave em que se encontram as universidades e institutos federais, que têm hoje o menor orçamento dos últimos 13 anos. “As universidades hoje estão maiores do que estavam 13 anos atrás, em número de alunos e em infraestrutura, estamos melhores e mais inclusivos. Com um orçamento equivalente ao de 2008”, explicou a professora.

O corte mais recente, sem precedentes, segundo a reitora, impossibilita as universidades de fazerem qualquer pagamento no mês de dezembro. “Todas as universidades e institutos



RECOMPOSIÇÃO Entidades reivindicaram recursos do governo

federais estão no vermelho. Não temos verba para pagar água, luz e telefonia, para pagar os contratos dos terceirizados, não

temos como pagar as bolsas de extensão, graduação e assistência estudantil”, denunciou. **(Lucas Abreu)**



UFRJ responde aos cortes com unidade e altivez

> Professores, estudantes, técnicos, trabalhadores terceirizados e integrantes da reitoria se reuniram em plenária no IFCS para denunciar os cortes que inviabilizam a universidade

ESTELA MAGALHÃES
 comunica@adufjrj.org.br

A plenária contra os cortes do orçamento reuniu a comunidade acadêmica da UFRJ no IFCS, no centro da cidade. Professores, estudantes, técnicos e terceirizados reivindicaram a recomposição do orçamento e caminharam em protesto até a Cinelândia.

O reitor em exercício, professor Carlos Frederico Leão Rocha, contextualizou a crise. “O corte foi sobre gastos que já foram autorizados pelo governo, serviços que já foram disponibilizados e mão de obra que já trabalhou”, explicou. “Neste momento, não temos condições de pagar qualquer conta. Estamos à deriva”, disse.

“Como trabalhar numa universidade sem limpeza, sem segurança e sem alimentação para os estudantes?”, questionou o professor João Torres, presidente da AdUFRJ. “Não escolhemos parar, não estamos em greve, mas estamos numa emergência”, lembrou.

Os grupos mais impactados pelo corte de verba são os estudantes, que ficaram sem as bolsas, e os terceirizados, que ficaram sem salário. “São famílias que não têm o que levar para sua casa, ainda mais numa data tão significativa como o Natal”, disse Waldinéa Nascimento, diretora da Attufjrj, a associação dos terceirizados. “Precisamos ter nossos salários e direitos garantidos. Sem os terceirizados não tem aula, a universidade não funciona”, reivindicou.



Natália Trindade, diretora da Associação de Pós-Graduandos, destacou que 200 mil bolsistas da Capes não vão receber esse mês e convocou uma paralisação nacional. “Não sei como vou pagar o aluguel essa semana, não sei como vou ao supermercado. Assim como eu, milhares

de estudantes passam por esses problemas. Não existe trabalho de pesquisa não remunerado, os doutorandos são trabalhadores”, disse.

“É desesperador, muitos estudantes não sabem como vão pagar o aluguel”, contou Gabriel Carrez, do DCE. “O governo pre-

cisa recuar nesse corte, porque eles estende a fome e nos aproxima do fim da educação pública no país”, exigiu.

Coordenador do Sintufjrj, Esteban Crescente destacou a importância de lutar contra o bloqueio. “Precisamos lutar e vencer nas ruas, ocupar nossos espaços e mostrar nossas demandas. Só assim vamos garantir a obrigação do orçamento na universidade, o salário dos servidores e a melhoria na carreira docente”, disse.

A plenária também contou com a presença de representantes da UFF, da UniRio e do Colégio Pedro II, que expuseram os impactos dos cortes de verba em cada instituição. Há atrasos de bolsas, problemas na frota intercampi e ameaça à merenda escolar.

UNIVERSIDADES ORGANIZAM ATOS PELO BRASIL

Universidades federais de várias cidades realizaram atos na quinta-feira, dia 8, contra os cortes promovidos pelo governo Bolsonaro. Uma delas, foi a Universidade de Brasília, que teve R\$ 17 milhões bloqueados no dia 1º de dezembro. A manifestação aconteceu em frente ao Ministério da Educação, na Esplanada dos Ministérios.

A Federal de Pelotas foi outra universidade que levou sua comunidade acadêmica para as ruas contra os cortes.

Em Mato Grosso do Sul, a UFMS e a Federal de Grande Dourados também paralisaram suas atividades para protestar contra o desmonte. As atividades aconteceram na capital Campo Grande e em Dourados.

A comunidade acadêmica da Universidade Federal do Paraná



tomou as ruas da capital Curitiba. Na UFPR, o corte foi de R\$ 10,4 milhões.

Estudantes da Federal do Espírito Santo também se manifestaram em Vitória. Lá, os cortes deixaram a universidade com saldo negativo de R\$ 6 milhões. Médicos residentes do Hospital das Clínicas de Porto Alegre

(HCPA) também foram às ruas contra os cortes das bolsas. Em todo o país, são aproximadamente 14 mil residentes sem perspectivas de pagamento. O anúncio foi feito pelo Ministério da Educação no dia 5. E o não pagamento da remuneração desses profissionais em formação pode significar o colapso de



hospitais universitários espalhados pelo país e que atendem ao Sistema Único de Saúde.

Os atos aconteceram na esteira do movimento #pagueminhobolsa, liderado pelos estudantes de pós-graduação. A Associação Nacional dos Pós-Graduandos (ANPG) defende a paralisação total das atividades do segmen-

to até o pagamento de todas as bolsas de mestrado, doutorado e pós-doutorado. “Ao mesmo tempo, a ANPG despenderá todos os esforços para garantir o pagamento das bolsas pela via jurídica”, além de “articulação com o Congresso Nacional”, diz trecho da nota emitida pela associação.

CEG cria solução para proteger estudantes

> Conselho da Graduação editou normas para não penalizar alunos atingidos pelo corte de bolsas e de ações de permanência. Abono de faltas e período extra de avaliação são algumas medidas

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

A crise que afeta a UFRJ e as demais instituições federais de ensino foi o principal assunto do Conselho de Ensino de Graduação reunido na quarta-feira, dia 7. A preocupação com os estudantes mais vulneráveis economicamente e principais vítimas dos cortes orçamentários dominou os debates. A representação estudantil encaminhou uma série de demandas para proteger esse grupo, mas também outros alunos que poderão ser afetados pela falta de transporte ou bandeirão. O colegiado, no entanto, optou pela manutenção do semestre letivo por uma razão prática: 75% do período já foi concluído. Faltam apenas 21 dias de aulas para 2022 ser encerrado.

Para garantir que o período seja finalizado e que todos tenham chances, apesar da crise, o colegiado editou uma resolução com uma série de medidas.

Será permitido, em comum acordo entre professores e alunos, finalizar o período de maneira remota, para aquelas disciplinas que permitam esse tipo de flexibilização. No entanto, a pró-reitora de Graduação, professora Gisele Pires, deixou claro que a universidade permanecerá com atividades presenciais. "Esta é apenas uma flexibilização de aulas que pos-

sam acontecer por mediação de tecnologia, sempre em acordo entre o professor e a turma", disse. "A UFRJ permanecerá em regime presencial. Esta é uma decisão política", afirmou.

A resolução prevê também o abono das faltas desde 1º de dezembro, data em que foi realizado o bloqueio de R\$ 15 milhões no orçamento da UFRJ. "A situação prejudica não só os bolsistas. Há serviços que começam a ser afetados e que atingem também quem não é bolsista", destacou o estudante João Pedro Pimentel.

Outro ponto aprovado foi um período especial de trancamento de disciplinas, de 8 a 21 de dezembro, para os estudantes que decidirem retomar as disciplinas depois de passada a fase mais aguda da crise financeira. Para esses alunos, o trancamento não será contado para integralização. Mas será obrigatória a reinscrição na disciplina no primeiro período de 2023.

Para os estudantes que optarem por manter a inscrição nas disciplinas, mas que não conseguirem realizar as provas do final do período, o CEG autorizou um período especial de avaliação. As provas e trabalhos adicionais deverão acontecer para todas as disciplinas dos cursos gerais no período de 6 de fevereiro a 3 de março. Para os cursos de Medicina do Rio e Macaé e de Enfermagem Macaé, o período especial de provas vai acontecer de 30 de janeiro a 3 de fevereiro. "Não é uma situação ideal, mas o que estamos



Não é uma situação ideal, mas o que estamos fazendo aqui é uma redução de danos"

JOÃO PEDRO PIMENTEL
Representante dos estudantes no CEG

fazendo aqui é uma redução de danos", destacou João Pedro Pimentel. "É claro que outros prejuízos vão acontecer, mas estamos tentando garantir o mínimo".

Os estudantes que não realizarem as provas no período normal deverão ter lançado o

chamado "grau I", que significa "inconcluso". O superintendente de graduação, professor Marcelo de Pádua, destacou que esse expediente já existe na universidade. "O grau I deverá ser substituído pela nota do estudante que realizar as avaliações do período especial até 11 de março, antes, portanto, do início de 2023.1. Isso ocorre quando qualquer evento excepcional implique na falta de lançamento de grau ou frequência do aluno", explicou.

O período também poderá ser integralizado com menos de seis créditos. A situação seguirá autorizada para o primeiro semestre de 2023 caso não haja normalização do orçamento.

SISU 2023

O CEG aprovou também os editais de vagas para ingresso na graduação presencial no primeiro e segundo semestres de 2023. A UFRJ ofertará o total de 9.441 vagas. Dessas, 8.788 serão para ingresso via Sistema de Seleção Unificada (SiSU).

A partir do ano que vem, os cursos de artes, arquitetura e música terão de volta o teste de habilidade específica. Serão ofertadas 593 vagas para THE.

Por fim, 60 vagas serão destinadas aos cursos de Libras - bacharelado e licenciatura, que exigem o teste de conhecimento específico (TCE). Para esses cursos, as inscrições abrem de 9 a 16 de janeiro. As provas serão realizadas no dia 5 de fevereiro e o resultado será divulgado no dia 15 do mesmo mês.

MEDIDAS APROVADAS

■ Disciplinas poderão ser finalizadas em modalidade remota, em caráter excepcional;

■ Abono de faltas para os estudantes desde 1º de dezembro;

Período especial de trancamento de disciplinas:

■ De 8 a 21 de dezembro;

■ Grau I deverá ser lançado para os estudantes que não conseguirem realizar as avaliações regulares no final do período. Deve ser substituído pela nota da avaliação especial até 11 de março;

Período especial de avaliação

■ Para os cursos gerais: de 6 de fevereiro a 3 de março;

■ Para Medicina Rio e Macaé e Enfermagem Macaé: de 30 de janeiro a 3 de fevereiro;

■ 2022.2 poderá ser integralizado com menos de seis créditos cursados pelo estudante.

O RAIOS-X DA CRISE DA UFRJ



GRADUAÇÃO

Suspensas bolsas:

- Monitoria (1.362)
- Iniciação Artística e Cultural (208)
- Programa de Atividades Extracurriculares de Apoio aos LIG'S
- Paelig (148)
- Monitoria de Apoio

Pedagógico (100)

- Promisões - Projeto Milton Santos de Acesso ao Ensino Superior (29)
- Bolsa de Apoio à Gestão do PIBID (1)
- Bolsa PROART I (92)
- PBSIGA I (5)
- PBSIGA II (4)
- PBSIGA III (3)
- PIBIC (819)
- PIBITI (69)

PÓS-GRADUAÇÃO

Empenhos do Proap não estão sendo pagos.

Bolsistas sem pagamento:

- Iniciação Científica - 744
- Mestrado - 616
- Doutorado - 852
- Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) Capes - 115

■ Cota Proex:

- Mestrado = 929
 - Doutorado = 1.279
- Bolsas CNPq foram pagas. No dia do fechamento desta edição, MEC disse que pagaria as bolsas Capes.

EXTENSÃO

- A UFRJ tem atualmente 1.615 ações de extensão ativas, das quais 443 foram diretamente impactadas.
- 808 bolsistas de extensão não receberam as bolsas do mês de novembro, que seriam pagas em 1º de dezembro.
- O montante de bolsas de extensão em atraso soma R\$ 338,4 mil.

TRANSPORTE INTERNO

Serviço será mantido, com redução de frota. Prefeitura vai

utilizar ônibus e vans da frota da universidade para minimizar prejuízos em alguns horários de maior movimento no campus da Cidade Universitária.

RIO + SEGURO FUNDÃO

Programa de apoio à segurança do campus da Cidade Universitária está mantido, sem alterações, até o fim do ano.

ALIMENTAÇÃO

UFRJ já deve R\$ 2 milhões à empresa, que está "estrangulada". Reitoria tenta negociar funcionamento do bandeirão até o dia 20 de dezembro. Há possibilidade de fechamento dos restaurantes satélites.

EXTRAQUADROS

Aproximadamente 900 profissionais de saúde não recebe-

ram. Folha é de R\$ 2,2 milhões/mês.

RESIDENTES DOS HOSPITAIS

Estão sem pagamento 483 bolsistas da residência médica e 198 bolsistas da residência multiprofissional.

ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL

Após pressão da comunidade acadêmica, benefícios voltarão a ser pagos. Reitoria afirma que os recursos estarão nas contas dos alunos nesta sexta (9).





BELA HOMENAGEM

Legado da professora emérita Maria da Conceição Tavares é reverenciado em solenidade na Câmara Municipal. Pensamento da economista segue atual e necessário nos dias atuais

JÚLIA FERNANDES
comunica@adufRJ.org.br

A Câmara Municipal do Rio de Janeiro concedeu a Medalha Chiquinha Gonzaga para a professora Maria da Conceição Tavares, no dia 6. A homenagem do parlamento carioca a personalidades femininas que se destacaram na sociedade não poderia ser mais justa. Aos 92 anos, a emérita da UFRJ ainda inspira antigas e novas gerações de economistas.

Maria da Conceição Tavares nasceu na cidade de Anadia, em Portugal, mas cresceu e estudou em Lisboa. Passou a infância em uma casa que recebia refugiados da guerra civil espanhola, e vivenciou o regime ditatorial português de António Salazar. Estudou Matemática e Estatística e se mudou para o Brasil em 1954 com o primeiro marido, fugindo da ditadura.

“Ela chegou ao Brasil com seu diploma de Matemática, mas diferentemente do seu marido, não conseguiu emprego. Conceição tentou validar a graduação aqui, mas não conseguiu, e teve que fazer vestibular para a Faculdade Nacional de Ciências Econômicas”, contou a professora da UFRJ e amiga Hildete Pereira — ela recebeu a honraria no lugar de Conceição, que não pôde comparecer à solenidade. Foi o início da sua trajetória enquanto ativista intelectual. “Ela derrubou todas as portas, e hoje é a maior economista da América Latina”, completou.

Estudar Economia, para ela, era uma saída para driblar as terríveis estatísticas da desigualdade no Brasil. “Eu lembro da professora dizendo que era preciso ter uma política econômica que fosse revolucionária, mas que o fundamental não fosse esquecido, que é a inclusão dos pobres e a garantia dos direitos para aqueles que não têm”, recordou Tiago Santana, presidente do PT Carioca.

INSERÇÃO NA POLÍTICA

O partido teve papel importante na vida da acadêmica. Conceição filiou-se ao Partido dos Trabalhadores em 1994, e se tornou deputada federal no ano seguinte. Foi a



EMOÇÃO. As professoras Gloria Moraes e Hildete Pereira receberam do vereador Reimont a honraria no lugar de Maria da Conceição

economista Gloria Moraes quem assinou a inscrição dela no PT. “Tive a honra de fazer essa inscrição. Ela é corajosa por ser uma mulher em um período complicado, em que o debate econômico estava centrado na oposição que se fazia da política do regime militar”, completou.

Gloria contou que Maria da Conceição foi essencial em sua formação no Instituto de Economia da UFRJ. “Um pensamento comum na minha turma é o de que nós iríamos mudar o Brasil. Todos abraçamos o desenvolvimentismo como essencial para colocar o país no futuro”, disse.

A solenidade também consagrou Benedita da Silva com a medalha Chiquinha Gonzaga. A deputada federal fez questão de elogiar Conceição em seu discurso. “É para mim um grande orgulho estar aqui sendo homenageada com uma das grandes mulheres que conhecemos nesse país na economia brasileira”, afirmou.

“São raras as mulheres que conseguem estabelecer uma relação entre o seu ativismo, o seu corpo político e a contribuição no campo da política pública. E tanto Maria da Conceição Tavares quanto Benedita da Silva conseguiram se cravar



BENEDITA DA SILVA foi outra agraciada

como referências nacionais de mulheres que estão nos espaços de poder”, reforçou Tainá de Paula (PT), vereadora do Rio de Janeiro.

Autor da homenagem, o vereador Reimont (PT) destacou a necessidade de recuperar o pensamento de Conceição nos dias atuais. “Nesses tempos em que a fome voltou ao país, em que o Estado

mínimo proposto pelo atual governo não olha para as necessidades do povo sob o pretexto de salvar a economia, Conceição Tavares já nos deu muitos recados para dizer que é possível”, disse. “Sempre que eu ouço o Lula falar que é preciso colocar o pobre no orçamento, eu penso em Maria da Conceição Tavares. Eu penso na luta dessa mulher tão vigorosa e forte, que sempre prezou por fazer uma Economia de vida para o nosso povo”.

VIRALIZOU

Mas não foi só no passado que Maria da Conceição Tavares se destacou. Recentemente, trechos de suas entrevistas no Roda Vida e de aulas de quando ela era professora da Unicamp circularam pelas redes sociais. Com seu jeito destemido e voz rouca, Conceição viralizou e se tornou inspiração para muitos jovens. Foi criada uma página no Twitter em sua homenagem. O “Acervo Maria da Conceição Tavares” (@acervo_tavares) já soma quase 51 mil seguidores.



PROFESSOR

PRESENTE!!

FILIE-SE

**FORTALECER A AdUFRJ É
DEFENDER OS PROFESSORES**

NOVOS SINDICALIZADOS TERÃO:

✓ **GRATUIDADE NOS PRIMEIROS DOIS ANOS
PARA DOCENTES ADJUNTOS E ASSISTENTES
(MAGISTÉRIO SUPERIOR) E DI, DII E DIII (EBTT)**

✓ **CONTRIBUIÇÃO DE 0,4%
NOS 24 MESES SEGUINTE**

✓ **ATENDIMENTO JURÍDICO**

✓ **AVALIAÇÃO DE PLANO DE SAÚDE**

✓ **ASSESSORIA PARA PROGRESSÃO**



**FALE CONOSCO:
(21) 99644-5471**

AdUFRJ
PROFESSORES DA UFRJ